

09/12/2016 às 05h00

O mal está sendo feito diante de nós

Por **Tatiana Salem Levy**

De vez em quando, entre uma brincadeira e outra, uma fralda e outra, um sorriso e outro, eu me lembro que Trump foi eleito presidente dos Estados Unidos da América e que meu filho vai crescer num mundo bem diferente do que um dia sonhei. Não pensei que fosse ver, nem nos EUA, nem da Inglaterra, nem na França, nem no Brasil, o crescimento de uma visão centrada na "superioridade" do homem branco. Achei que essa tese já tivesse caído, que a humanidade (conceito cada vez mais difícil de sustentar) já tivesse entendido, e aprendido a amar, a sua diversidade. Mas não. Basta aparecer alguém como Trump, uma subcelebridade milionária, para muitos americanos se sentirem à vontade em manifestar o desejo por um país exclusivamente branco.



É assustador o vídeo, divulgado recentemente, da reunião anual do grupo Instituto Nacional de Política (NPI) em que seu presidente, Richard Spencer, clama por uma limpeza étnica. Diante de quase 300 participantes, ele grita: "Hail Trump! Hail our people! Hail our victory!" Alguns estendem o braço direito, a mesma reverência nazista. E o discurso se estende, tenebroso do início ao fim. Ouvimos coisas como "ser branco é ser um cruzado, um explorador, um conquistador". Quantos séculos regrediram esses homens? Será que esqueceram que os Estados Unidos foram fundados sob a violência desses conquistadores e não graças a ela?

Trump já anunciou que vai expulsar imediatamente entre dois a três milhões de imigrantes. Quer tirar os latino-americanos, os índios, os negros. Quer embranquecer um país que se iniciou como "melting pot". Um país que não é branco, nem nunca foi. Um país que deve a sua criatividade e a sua liberdade à sua mistura. Os Estados Unidos não são só de brancos, como a Península Ibérica que expulsou mouros e judeus não era só de cristãos, como a Alemanha dos anos 1930 não era só de arianos. Mas o racismo se espalha, a xenofobia, a homofobia, a misoginia. E aí é impossível não nos lembrarmos dos horrores nazistas e da reflexão de Hannah Arendt sobre a banalidade do mal.

Época em que homens brancos levantam o braço direito para saudar homens brancos é época de se ler Hannah Arendt. E com urgência. O mal está sendo feito diante de nós, os ultranacionalistas da chamada direita alternativa ("alt-right") estão muito confortáveis com a eleição de Trump. Precisamos refletir sobre o que está acontecendo, em vez de repetirmos que não há nada de grave, há sempre alguém para impedir o mal. Ler, releer "Eichmann em Jerusalém", "Homens em Tempos Sombrios", "A Vida do Espírito" e "Origens do Totalitarismo" pode ser um bom início de conversa, uma boa forma de entender duas coisas essenciais nestes tempos que, infelizmente, têm se mostrado também sombrios: 1. "o mal nunca é radical, ele é apenas extremo e não possui nem profundidade nem dimensão demoníaca. Ele pode invadir tudo e destruir o mundo inteiro precisamente porque ele se propaga como um cogumelo. (...) Esta é a sua banalidade". 2. Ao contrário do que nos faz pensar a decadência política atual, inclusive no Brasil, a liberdade é a razão de ser da política.

Cultura & Estilo

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

Ver todas as notícias

À mesa com o Valor

Entrevistas



PHILIPPE STARCK
A utilidade do inútil

09/12/2016 às 05h00



EMMANUEL BASSOLEIL
Um cozinheiro no céu

25/11/2016 às 05h00



JOSÉ EDUARDO CARDOZO
O advogado do impeachment

11/12/16 16:53

No livro "Hannah Arendt: Pensadora da Crise e de um Novo Início", Eduardo Jardim articula com muita clareza essas e outras questões na vida e na obra de Hannah Arendt, elucidando o contexto que a levou a criar seu modo de pensar, sua coragem de enfrentar as críticas que a certa altura caíram de todos os lados. O ensaio de Jardim nos ajuda a fazer relações entre seus mais diversos textos, a perceber um pensamento sempre em construção e a refletir sobre os dias de hoje.

Começamos pelo julgamento de Eichmann em Jerusalém, ao qual Arendt assistiu como correspondente da revista "New Yorker". Como se sabe, Arendt nasceu na Alemanha em 1906 e escapou do nazismo porque fugiu a tempo. Eichmann, por sua vez, foi o oficial da SS responsável pela deportação de judeus para os campos de extermínio do leste europeu. Depois da guerra, ele se escondeu na Argentina, de onde foi levado pela polícia secreta israelense para seu julgamento. Arendt tinha razões emocionais para querer estar presente nesse ato. E foi ao ouvi-lo que desenvolveu sua teoria sobre a banalidade do mal.

Ela dizia que os crimes dos nazistas eram hediondos, mas sua motivação era banal. Afirma Jardim: "Eichmann e outros criminosos nazistas não foram motivados por qualquer ideologia, como o antissemitismo ou o racismo, e tampouco estavam pressionados por sentimentos de ódio ou de desprezo pelos judeus. Eles obedeceram às ordens para matar, sem nunca pretender questioná-las". O traço principal da personalidade de Eichmann não era a estupidez, mas a incapacidade de refletir sobre os acontecimentos. Este é o perigo do mal: a facilidade com que se alastra justamente por evitar o pensamento. Existe uma relação entre "praticar o mal e a incapacidade de empenhar-se na atividade de pensar".

Em "Origens do Totalitarismo", ela defende que quando as estruturas políticas tradicionais foram destruídas o antissemitismo e o racismo vieram à tona e se cristalizaram na experiência totalitária. Para Arendt, "não fazia sentido definir a natureza dos regimes nazista e estalinista recorrendo a noções como ditadura, tirania e autoridade, que remontavam aos primórdios do pensamento político ocidental". Os movimentos totalitários tiveram sucesso porque souberam aproveitar o vazio deixado pela falência da autoridade.

O nazismo e o estalinismo se firmaram graças à existência das massas, dessa população homogênea formada por homens solitários. O totalitarismo apareceu para essas pessoas como uma possibilidade de fuga. "Subitamente", escreve Jardim, "uma população deixava de lado sua apatia e marchava na direção de onde vinha a oportunidade de expressar o seu ressentimento". Será que é isso o que estamos vendo agora?

O ressentimento pode fazer coisas terríveis quando não é transformado. Daí a importância de nos afastarmos do mal, ou melhor, de nos aproximarmos do pensamento. Foi por conta do ressentimento da política que a liberdade passou a ser vista como dissociada dela, quando, em realidade, é seu próprio sentido. O fato de os regimes totalitários terem se firmado pelo aparato estatal fez com que a liberdade passasse a ser vista como o oposto da política. Seria preciso resistir à pressão da política para preservar as liberdades econômica, de pensamento e da esfera privada. Arendt surge para dizer que é justamente o contrário: a razão de ser da política tem que ser a liberdade.

Eduardo Jardim nos lembra que na Grécia e em Roma, "a liberdade dizia respeito estritamente à vida política. Mais precisamente, ela era considerada sua essência". Para os antigos, ser livre significava sair da proteção da vida doméstica e entrar num mundo em que estabeleciam contato com os outros, por meio de palavras e da ação. A liberdade "era uma qualidade do 'eu posso', e não, como pretendeu mais tarde o cristianismo, do 'eu quero'". Para os gregos e os romanos, estava relacionada à política, e não aos dramas da vontade, que são da ordem da moral.

Os homens brancos do NPI que desejam sair de casa e esbarrar apenas com homens brancos não querem sair de sua proteção doméstica, não querem encontrar os outros, o Outro. Não entendem o que é liberdade e como ela está atrelada à política. Levantam o braço direito contra os que são diferentes, contra seu próprio país, formado por uma enorme diversidade de origens e culturas. Foram os Estados Unidos que receberam Hannah Arendt depois de seus anos na França. Ainda são os Estados Unidos um país em que se fala abertamente, em que se contrapõe. Um país de escritores como



DANIEL GALERA

**O amigo da
solidão**

11/11/2016 às 05h00

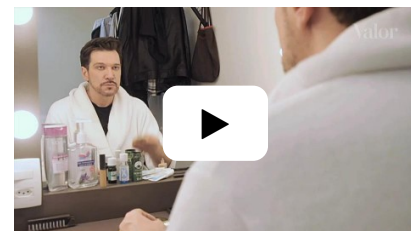


ABILIO DINIZ

**Uma vida que
rende dois livros**

04/11/2016 às 05h00

Vídeos



O brasileiro que ganhou o Tony, o maior prêmio do teatro americano
07/10/2016



Lançamentos

Livros, músicas e filmes



DVD

**Almodóvar
retoma boa
forma**

AA+



DVD

**"Caça-
Fantasmas"**

BB+



DVD

**"Labirinto - A
Magia do
Tempo"**

BB+



Livros

**Uma vida sem
compromisso
com a
realidade**

AA+



CD

**Cantora M.I.A.
recicla
fórmulas**

BBB

Legenda AAA Excepcional CCC Baixa qualidade BB+ Moderado BBB Acima da média AA+ Alta Qualidade C Alto Risco

No célebre artigo "Bartleby, ou a fórmula", Gilles Deleuze diz que o americano é aquele que se libertou da função paterna inglesa, é o filho de um pai reduzido a migalhas. Sua vocação não consiste em reconstruir um velho segredo de Estado, "uma nação, uma família, uma herança, um pai, mas, antes de tudo, em constituir um universo, uma sociedade de irmãos, uma federação de homens e de bens, uma comunidade de indivíduos anarquistas, inspirada em Jefferson, em Thoreau, em Melville". Em "Redburn", Herman Melville diz que "não se pode verter uma única gota de sangue americano sem derramar o sangue do mundo inteiro. (...) Somos os herdeiros de todos os séculos de todos os tempos, e nossa herança, nós a partilhamos com todas as nações". Convoquemos Melville neste terrível momento, convoquemos seu escrivão Bartleby que, mesmo catatônico e anorético, é, segundo Deleuze, o médico de uma América doente. Vamos pedir a Bartleby que trate os participantes do NPI, que trate Trump, os membros da Ku Klux Klan e todos aqueles que acreditam que o verdadeiro americano é o homem branco superior.

Tatiana Salem Levy, doutora em letras e escritora, escreve neste espaço quinzenalmente

E-mail: tatianalevy@gmail.com

 Compartilhar 120  Tweet  Share  G+  0 
